

REVISTA ILUSTRADA

Folha literária, artística e, principalmente, política, criada em 1876 no Rio de Janeiro por Angelo Agostini (1843-1910). Deixou de circular em 1898.

Natural de Farcelle, na província de Piemonte, sul da Itália, antes de vir para o Brasil Agostini morou grande parte de sua vida em Paris, com a avó materna Ana Agostini. Chegou ao Brasil em 1859 para encontrar-se com a mãe, a cantora lírica Rachel Agostini, que, após viajar por diversas partes da Europa, se casara com o jornalista português Antônio Pedro Marques de Almeida e se radicara no país. Por aqui, Agostini se instalou primeiramente em São Paulo, onde fez contatos com advogados e jornalistas abolicionistas e criou o *Diabo Coxo* (1864-1865), nome inspirado no periódico italiano *Diavolo Zoppo*. Em 1866, fundou *O Cabrião*, cuja existência, igualmente curta (1866-1867), seria caracterizada pela oposição à situação política provincial.

Em setembro de 1867 Agostini transferiu-se para o Rio de Janeiro. Na Corte, trabalhou em *O Arlequim* (1867-1868), que pouco tempo depois viraria *A Vida Fluminense*, e em *O Mosquito* (1872-1875). Em 1º de janeiro de 1876 fundou a *Revista Ilustrada*, que funcionou inicialmente na rua da Assembleia nº 44, onde também foi instalada a Oficina Litográfica a Vapor da Revista Ilustrada. A publicação era composta de oito páginas, no formato 36,4 x 27,7 cm. As páginas número um, quatro, cinco e oito eram ilustradas através da técnica litográfica, enquanto as restantes foram inicialmente ocupadas somente por textos, passando, posteriormente, a fazer uso da xilografia na sua composição.

Durante toda a sua existência, a forma de organização da revista, entre textos e charges, foi flexível, ainda que obedecesse a uma regra mínima no sentido de manter alguma uniformidade. Tendo acumulado 739 números, total que não inclui as edições complementares, que não eram numeradas, a *Revista Ilustrada* trazia sempre na primeira página, além da ilustração que abria cada número, um cabeçalho cuidadosamente desenhado a bico de pena. Logo abaixo, com letras litografadas que imitavam o formato tipográfico, apresentavam-se o endereço do periódico e o preço das assinaturas e do exemplar avulso. A capa da *Revista* era, geralmente, ocupada por uma matéria referente a algum acontecimento da semana anterior. Era comum que, através do retrato ou *portrait-*

charge – gênero de caricatura que se mantinha fiel aos traços fisionômicos do retratado, exceto pela desproporção entre a cabeça e o corpo –, fossem homenageados artistas, políticos, militares e outras pessoas de destaque. Da mesma forma, constantemente a capa veiculava críticas a figuras públicas, que iam do delegado de polícia local a personalidades internacionais, nunca, porém, trazendo textos. No miolo da revista, especificamente nas páginas quatro e cinco, figurava a segunda ilustração do periódico. Com maior liberdade de espaço, a folha trazia uma síntese dos acontecimentos políticos da semana, em geral desenvolvendo o tema da capa, mas também envolvendo outros assuntos. Era a parte mais rica em termos de comentários. A última página trazia a derradeira ilustração. Em geral, esse espaço era reservado a trabalhos artísticos – retratos, paisagens, *portrait-charges* – que podiam ser uma continuação do assunto da capa.

A composição da *Revista Ilustrada* permaneceu a mesma durante toda a sua existência, com algumas alterações apenas pela inclusão de suplementos ilustrados em alguns números, os quais não modificavam a apresentação do restante do exemplar. Alguns obedeciam ao formato padrão da revista, com o número de páginas podendo alternar entre quatro e cinco. Outros, entretanto, tinham forma de cartaz, com dimensões variáveis. Tais suplementos podiam ter caráter tanto noticioso quanto político. Porém o retrato foi sua forma de ilustração predominante. Através dele, foram exaltados políticos e militares de renome, como Saldanha Marinho, Osório, Benjamin Constant, Rio Branco, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto.

A parte escrita da folha dividia-se entre as seções permanentes, que podiam variar de autoria, e as esporádicas. As seções fixas não figuravam necessariamente em todas as edições. Algumas, como o editorial, funcionaram quase que sem falhas. Nele encontravam-se os textos doutrinários. Até o ano de 1885, a maioria dos editoriais foi assinada por José Ribeiro Dantas Júnior, sob os pseudônimos “A. Gil” e “Júnior”. No início da publicação, o próprio Agostini chegou a assinar alguns textos com os pseudônimos “A.A” e “X”. Os editoriais abriam a parte escrita da *Revista*, aparecendo sempre na segunda página. Mantendo todas as características de um editorial de jornal, tendiam a tratar de temas políticos, continuando o assunto de capa.

Na Corte, a assinatura anual da *Revista Ilustrada* custava 16 mil-réis, a semestral nove mil-réis e a trimestral cinco mil-réis. Nas províncias somente era possível fazer assinaturas semestrais ou anuais, a 11 mil-réis e 20 mil-réis, respectivamente. Pelo exemplar avulso pagavam-se quinhentos réis. Embora não estivesse explicitado, o preço para Niterói provavelmente era o mesmo da Corte, como era de costume entre os outros periódicos ilustrados da época.

Enquanto Agostini esteve à sua frente, a *Revista Ilustrada* não publicou anúncios, mantendo-se independente de interesses comerciais. Seu lema “Liberdade, Igualdade e Imparcialidade”, inspirado na máxima da Revolução Francesa, sugeria que a *Revista* não se vinculava a setores sociais que pudessem influenciar em sua orientação editorial. A revista buscava sustentar-se com a venda direta para a população, o que mostra que as condições sociais já haviam atingido um nível aceitável para a manutenção da imprensa. A distribuição do periódico aos assinantes era feita no Rio de Janeiro, e, provavelmente, também em Niterói, através de entregadores contratados. A edição mais recente era vendida nas ruas. Nas províncias, depois estados, a *Revista Ilustrada* era enviada pelo correio mediante a postagem antecipada do pagamento através de carta registrada, com valor declarado. Era possível ter acesso a números avulsos na redação da revista, e na prestigiosa livraria B. L. Garnier, localizada na rua dos Ourives – atual rua Miguel Couto – nº 107.

Embora não fosse ainda um jornal com estrutura financeira sólida, a folha dispunha de uma infraestrutura funcional para o desenvolvimento do seu trabalho. Além dos entregadores regulares, tinha administração, corpo de redatores fixos, técnicos de impressão e representantes em outras localidades. Fritz Harling, também conhecido como Frederico Harling, era quem administrava o jornal. Antigo companheiro de jornalismo de Agostini, em 1888 tornou-se sócio da empresa que publicava a *Revista*, a Angelo Agostini & Cia.

Em 15 de novembro de 1881 a sede da *Revista Ilustrada* transferiu-se para a rua Gonçalves Dias, nº 65. Até o ano seguinte, manteve-se como hebdomadário, atravessando os anos de 1883 e 1884 com falhas e atrasos nas tiragens. Ainda em 1884, mudou novamente de endereço, passando para o nº 50 da mesma rua.

Em 1885 a *Revista* tornou-se semanal, passando o preço do exemplar para um mil-réis. Nesse ano, Luís de Andrade começou a assinar a maioria dos editoriais da *Revista*, sob o

pseudônimo de “Júlio Verim”, passando, em janeiro de 1887, a publicar regularmente artigos assinados. Em meados do mesmo ano, a tiragem do periódico mais uma vez sofreu alterações, passando a chegar aos leitores até duas vezes por mês. No ano de 1888, o título da *Revista* sofreu uma alteração em seu desenho. Porém essa seria a menor das mudanças sofrida pelo periódico nesse período.

Nessa época, paralelamente às atividades da revista, Angelo Agostini mantinha um ateliê onde dava aulas de pintura, durante as quais envolveu-se amorosamente com Abigail de Andrade, jovem de família tradicional de Vassouras (RJ). A relação entre ele – que estava separado de Maria José Palha – e uma mulher muito mais jovem provavelmente causou espécie na sociedade da Corte, e o casal partiu para a França, afastando-se Agostini da *Revista Ilustrada*. Fixaram residência em Paris com seus dois filhos – Angelina, nascida ainda no Brasil, e Ângelo, que nasceu já na capital francesa, e que viria a falecer ainda novo, da mesma forma que a mãe, de tuberculose. Agostini, que retornaria ao Brasil em 1894, não participaria mais da *Revista Ilustrada*.

Durante o período em que Agostini comandou a folha, era comum a contribuição de artistas que não tinham vínculo com a *Revista Ilustrada*, como Eduardo de Martino, Augusto Off, George Manders e Antônio Parreiras, que se tornaria, na década de 1920, um dos mais populares pintores do país. Também colaboraram com a folha figuras expressivas do meio literário, como Coelho Neto, Osório Duque Estrada, Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Raimundo Correia, Silva Ramos, Valentim Magalhães e Emílio de Meneses.

Ainda em 1888, Pereira Neto ingressou na *Revista*, substituindo Agostini e assumindo a edição e a parte artística da folha, que, sob sua direção, passou a aceitar anúncios. Em 5 de janeiro de 1889 a propaganda começou a ser distribuída dentro de uma capa de anúncios, que também apresentava folhetins.

Com o advento da República em novembro de 1889, Luís de Andrade afastou-se temporariamente da revista para eleger-se, em 1890, deputado por Pernambuco à Assembleia Constituinte que daria origem, no ano seguinte, à primeira Constituição do novo regime. Ainda no mesmo ano, Hilarião Teixeira ingressou na revista, substituindo Pereira Neto durante o período em que este viajou ao rio da Prata para cobrir a assinatura do Tratado das Missões entre Brasil e Argentina. Após o retorno de Pereira Neto, Hilarião Teixeira permaneceu como colaborador da folha. Durante o afastamento de Luís Andrade,

Artur de Miranda Ribeiro tornou-se o principal redator da *Revista*. Sob o pseudônimo de “Farfarelo”, assinou a maioria dos editoriais até 1894, fazendo propaganda das ideias republicanas. Quando Luís de Andrade retornou como redator principal, a *Revista Ilustrada* perdeu muito da combatividade que havia feito dela a síntese de uma época da imprensa no Brasil. De órgão independente, assumiu uma posição apologética em relação ao poder.

Ainda em 1890, a tiragem da *Revista* tornou-se irregular, permanecendo assim até 1893. Em outubro desse ano sofreu a sua primeira interrupção, durante a fase de turbulência política provocada segunda Revolta da Armada (1893-1894), ocasião em que outras folhas também deixaram de circular. A *Revista* voltou à atividade em novembro de 1894 – quando, terminado seu mandato parlamentar, Luís de Andrade retornou à revista e se tornou seu proprietário –, tentando retomar sua feição de hebdomadário, o que conseguiu, com algumas falhas, ao longo de 1895.

Em 1897, apenas oito números foram publicados. Nesse ano, o preço das assinaturas subiu para 25 mil réis e sua sede retornou à rua da Assembleia, agora no número 61. Em 1898, contudo, circularam apenas cinco edições da *Revista Ilustrada*, que encerrou suas atividades.

A trajetória da *Revista Ilustrada* foi contextualizada por um Brasil em que a atividade política era restrita às classes proprietárias e marcada pela alternância de dois partidos no poder – Liberal e Conservador –, regulados pelo imperador no exercício do Poder Moderador. O reaparecimento do movimento republicano em 1870 contribuiu para que o debate político fosse lançado à esfera pública. Também nessa época, o recrudescimento do abolicionismo erodiu, progressivamente, a organização escravista do trabalho, base material, política e econômica do Império. As crises que marcaram a sociedade brasileira nas duas últimas décadas da monarquia foram a matéria sobre a qual a *Revista Ilustrada* moldou seu caráter combativo.

Logo em sua estréia, concentrou-se nas relações entre o Estado e a Igreja católica, ainda abaladas pela chamada Questão Religiosa (1872-1875). A questão social do Brasil, que também incluía o problema da escravidão, foi tratada de maneira vasta pela *Revista*, que abordou temas como a fome no Nordeste, a imigração e a justiça social. A cidade do Rio de Janeiro, sede do governo e da revista, não podia deixar de ser objeto de atenção especial, não faltando sátiras à frequente situação calamitosa da saúde pública, em especial a

indefectível visita da febra amarela durante os verões. Seu cotidiano, sua vida social e os problemas da administração pública eram assuntos sempre presentes nas páginas da *Revista*, inclusive n' *As Aventuras de Zé Caipora*, uma das séries de histórias que publicou com grande sucesso.

Na década de 1880, a *Revista* cobriu amplamente sucessivos episódios que opuseram o governo imperial e setores militares, conhecidos como Questão Militar. Agostini publicou vários desenhos sobre os eventos, mas a *Revista* interveio também através de textos publicados por seus redatores, procurando desvalorizar a imagem dos gabinetes envolvidos nos embates. Sua veia crítica esteve voltada, também, para o clero católico, sempre relacionando suas regalias junto ao Estado imperial ao atraso social e político do país.

Durante toda a atuação de Agostini no comando da *Revista Ilustrada*, a política foi, sem dúvida, setor de destaque. Entretanto, a *Revista* nunca atuou como porta-voz de qualquer partido ou organização política.

Carla Silva do Nascimento

FONTES: BALABAN, M. *Poeta*; LIMA, H. *História* (v.2); NASCIMENTO, C. *Angelo*; RIBEIRO, M. *Revista*; SODRÉ, N. *História*.